

Apoio

PROEX
Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura



Informativo semestral do projeto de Extensão Observatório do Trabalho do Grupo de Estudo e Pesquisa em Trabalho, Saúde e Serviço Social

2022 | ANO I | Edição #01 – Mariana/MG

Editorial

MUDANÇAS EM CURSO E O CURSO DAS MUDANÇAS

OdT GEPTSSS

O Brasil vem arrastando desde os anos 1980 uma crise estrutural que se desenha com a falência do welfare state em todo o mundo, com o ajuste neoliberal, e com uma reestruturação produtiva que acentua experiências de trabalho informal e terceirização.

Contudo, de acordo com dados do Banco Mundial, todo este cenário de crise, que se arrasta desde então, não foi motivo para frear o crescimento do PIB em nosso país, que em 2020 chegou a

6.796,84 dólares após uma queda acentuada, como mostra o gráfico.

Em matéria do G1, intitulada “Renda em queda e vida no aperto: os ‘corres’ dos brasileiros que não ganham nem 1 salário mínimo” nos é apresentado que “Os brasileiros com uma renda mensal de no máximo 1 salário mínimo passaram a representar desde o ano passado a maior fatia da população ocupada na divisão por faixas de renda.” Isso, além de indicar a enorme desigualdade no

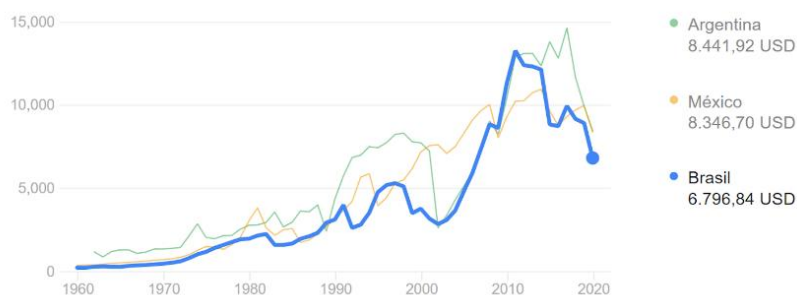
país, nos coloca uma questão a refletir quando falamos de crise no capitalismo: Crise é crise para quem?

A resposta que salta aos olhos, sem ainda uma análise de profundidade, é que o peso da crise fica com a classe trabalhadora, que está cada dia mais face a face com a miséria e a fome em um mundo que continua a produzir uma enorme quantidade de riqueza.

Quando vimos e ouvimos falar de crise nos noticiários, isso significa que alguns setores da economia não conseguem alcançar patamares necessariamente crescentes de lucratividade, entretanto, em grande medida, a forma encontrada de apresentar a crise é o desemprego e a fome, expressões que são imediatamente sensíveis para a classe trabalhadora. Nos anos 1980, por exemplo, quando tínhamos um cenário de crise - como nos apresentou Ana Elizabeth Mota em

Brasil / PIB per capita

6.796,84 USD (2020)



Fontes: Banco Mundial
Produto interno bruto do Brasil, Argentina e México. Gráfico gerado pelo Google buscas.

seu livro, cultura da crise e Seguridade Social - toda uma programática de reformas foi proposta, na previdência e no Estado Brasileiro. Mesmo que, naquele momento, e nem mesmo agora, a previdência aparecesse realmente como deficitária. O que quero dizer é que, naquele momento, a classe trabalhadora vivia a expressão sensível da crise, com inflação em níveis altíssimos e a fome e, exatamente nesta conjuntura, era possível figurar que o problema era o Estado, incômodo como um elefante na sala e a solução é minimizar a participação do Estado na economia, privatizando Estatais importantes e corroendo

conquistas das trabalhadoras e trabalhadores.

No momento em que nos reencontramos com debates pretéritos, como a fome, com o país retornando ao mapa da fome das Nações, precisamos ficar atentos. É no discurso que apresenta o cenário de crise, de terra arrasada, que se apresentam as armadilhas de toda uma programática de mudanças, que, no fim, podem representar ainda mais precarização para o trabalho e acentuação dos ganhos do capital.

Este é o objetivo deste Observatório e deste instrumento que apresentamos.

Nossa equipe:

Prof. Roberto Coelho do Carmo/UFOP (Coordenador)

Prof. Alessandra Ribeiro de Souza/UFOP (Co-Coordenadora)

Profa. Mariana Costa Carvalho/UFV

Profa. Késia Silva Tosta /UFV

Discentes:

Alice Ferreira Campos; Darlian Dos Santos De Vasconcelos; Regiane Claret Da Cruz; Samuel De Queiroz Damasceno; Tamires Camila Da Silva; Yuri Oliveira Da Silva.

O QUE É O OBSERVATÓRIO DO TRABALHO?

OdT GEPTSSS

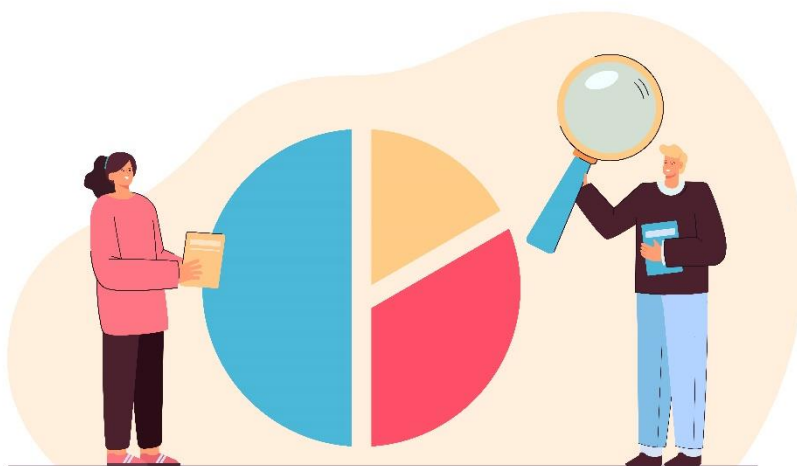
O Observatório do Trabalho (OdT) é um dos projetos extensionistas vinculados ao Grupo de Estudos, e Pesquisas em Trabalho, Saúde e Serviço Social (GEPTSSS). Coordenado pelos professores da UFOP Profa. Alessandra Ribeiro de Souza e pelo Prof. Roberto Coelho do Carmo.

Vivenciamos hoje mudanças profundas no trabalho, seja para adequação ou resistência a estes novos modelos de trabalho em um mundo cada vez mais tecnológico. O objetivo do Observatório do Trabalho é acompanhar periodicamente os temas candentes, relativos à estas

mudanças sobre o trabalho na imprensa nacional e local: regra trabalhista, acidentes e doenças do trabalho, novos

modelos de trabalho por plataformas, entre outros.

Como na maioria das vezes, essas notícias geradas



Freepic: pch.vector

espelham-se em um modelo estrutural capitalista, este Observatório do Trabalho buscará redirecioná-las às trabalhadoras e trabalhadores, incorporando elementos que podem contribuir para uma leitura a crítica. Assim, a finalidade deste trabalho é impulsionar os debates presentes na grande imprensa (e também os ausentes) dialogando com os trabalhadores

e popularizando a produção acadêmica do GEPTSSS.

Para essa finalidade, criamos um Boletim Informativo. Este, que você lê agora. Aqui, vamos sistematizar os dados da observação realizada a fim de compartilhar esse material, associado a elementos para o fomento do diálogo crítico. A distribuição deste informativo será através de rede de contatos

construída com os movimentos sociais, via whatsapp, além de disponibilizá-lo em nosso site geptsss.ufop.br.

Para este primeiro número, procuramos trabalhar as mudanças recentes no mundo do trabalho, mais especificamente as que se referem à incursão de novas tecnologias mediando o trabalho na produção e circulação de mercadorias.

INDEXADOR PRINCIPAL

		Frequência	Percentual	Percentual acumulado
Válidos	AMBIENTE	1	,6	,6
	CONFERENCIA DE TRABALHO	1	,6	1,2
	ECONOMIA E TRABALHO	1	,6	1,8
	FAMÍLIA	1	,6	2,4
	GERAÇÃO	1	,6	3,0
	INDÚSTRIA 4.0	1	,6	3,7
	MERCADO	1	,6	4,3
	PRODUTIVIDADE	1	,6	4,9
	PROJETOS	1	,6	5,5
	SERVIÇO SOCIAL	1	,6	6,1
	TRABALHO E RELIGIÃO	1	,6	6,7
	ASSÉDIO	2	1,2	7,9
	CONDIÇÕES DE TRABALHO	2	1,2	9,1
	DESIGUALDADE	2	1,2	10,4
	EMPREENDEDORISMO	2	1,2	11,6
	INCLUSÃO	2	1,2	12,8
	INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO	2	1,2	14,0
	COVID-19	3	1,8	15,9
	JORNADA	3	1,8	17,7
	AMBIENTE DE TRABALHO	5	3,0	20,7
	UBERIZAÇÃO	6	3,7	24,4
	PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO	7	4,3	28,7
	TRABALHO INFANTIL	9	5,5	34,1
	GÊNERO	10	6,1	40,2
	TRABALHO ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO	10	6,1	46,3
	TRABALHO E POLÍTICA	11	6,7	53,0
	HOME-OFFICE	13	7,9	61,0
	DIREITOS	18	11,0	72,0
	MERCADO DE TRABALHO	22	13,4	85,4
	SAÚDE DO TRABALHADOR	24	14,6	100,0
	Total	164	100,0	

Acima, você pode ver a sistematização da nossa primeira rodada de observação. Aqui, chama atenção que, das 164 notícias lidas nos últimos 3 meses, 10 dizem respeito ao trabalho análogo à escravidão e 9 ao trabalho infantil. Formas pretéritas de exploração do trabalho e

ainda não superadas nesta quadra histórica. Além disso, de muitas maneiras possíveis, o debate do mercado de trabalho tem se colocado. Um mercado, que, registre-se, absolutamente volátil e precarizado, expressando a ruína de direitos históricos das trabalhadoras e

trabalhadores. A divisão sexual do trabalho e a violência de gênero, presentes com destaque neste primeiro momento devem seguir como preocupação e debate do nosso coletivo e aparecer com mais profundidade também no nosso próximo boletim.

LEIA TAMBÉM!



Para professora da Califórnia, aplicativos criaram ‘economia imoral de trabalho’ - A notícia traz a perspectiva crítica acerca do trabalho por plataformas digitais. Afirmando a relação entre a tecnologia e o trabalho precário. Constatando que as novas relações de emprego e a consolidação dos direitos trabalhistas, comprovam apenas mais um resgate da repetição de padrão antigo de exploração. Já padronizado na nossa história sócio cultural, política e econômica.

Sindicatos e juízes do Trabalho defendem revogação da reforma trabalhista; indústria rebate

- A notícia citada traz de forma clara e direta os impactos negativos da Reforma Trabalhista defendida pela Indústria liberal existente nessa estrutura social. Afirmando que as desigualdades, a fragmentação da atividade de trabalho que constitui-se da baixa remuneração, aumento da jornada de trabalho, baixa inserção dos brasileiros no emprego formal, e ainda mais, o fragmento da coletividade sindical e do reconhecimento dos direitos constituídos aos trabalhadores, influenciam fortemente para essa debilidade do trabalho no país. Com isso, os sindicatos, professores, doutores e diretor técnico do Dieese entre outras representatividades sobre o assunto, afirmam que a nova reforma trabalhista influencia diretamente toda a população brasileira. Gerando desigualdade, ameaças aos coletivos sindicais e aos trabalhadores do campo entre outras várias consequências, advindas das atividades de trabalho, fortificadas estritamente pela economia e o livre comércio.



Sobrepeso provoca perda de milhões de trabalhos no México - Uma doença que está socialmente mais ligada ao estético, do que a saúde em si. Doença essa que tem atingido de maneira negativa, o PIB do México, e que atinge todos os países. Alerta também a respeito do teletrabalho, no qual pode oferecer uma praticidade maior, mas ao mesmo tempo pode desenvolver uma série de outros problemas ligados à saúde mental do trabalhador.



ABEL SANTOS

Associação dos Motofretistas Autônomos e Entregadores do Distrito Federal e Entorno

Abel Santos é trabalhador moto fretista da cidade de Brasília. Realiza trabalho mediado por plataformas digitais. É vice presidente da AMAE.DF (Associação dos Motofretistas Autônomos e Entregadores do Distrito Federal e Entorno), representando, o coletivo que busca melhorias para as categorias de Entregadores de Brasília. E também, presidente do Instituto Rueira, que promove o acesso das crianças e adolescentes no esporte, na cultura e na educação.

Na respectiva entrevista, logo de início, quando perguntado sobre a realidade de trabalho, Abel diz: “[...]estamos numa realidade em que não sabemos o que somos, porque não somos reconhecidos como motofretistas, não somos reconhecidos como trabalhadores[...] quando levamos essa pauta para qualquer lugar o que é repassado pra gente é que, somos empreendedores de si mesmo [...] trabalhadores autônomos, sem autonomia, na realidade”. Essas palavras refletem sobre a insegurança que permeia o

trabalho diário dos motoboys, que permanecem nesses espaços sem os direitos trabalhistas garantidos para esta categoria. Como Abel bem informa: “ não temos CBO que é o código das leis de ocupação, não temos registro no ministério do trabalho, não temos leis que regulamenta, nós estamos aí, à deriva, infelizmente! [...]”

Também abordamos como é feito na prática o trabalho na categoria dos motofretistas no Distrito Federal por meio das plataformas digitais. Dialogando com a realidade no cotidiano destes trabalhadores. Sobre os desafios trazidos pelo isolamento social, pelas altas jornadas de trabalho, que Abel relata: “ os entregadores[...] trabalham de 8 da manhã, até as 01h, praticamente [...]”, e isso rebate diretamente na saúde física e mental, como dito: “[...] quando o cara desenvolve uma doença, ele não pode pegar atestado, ele não tem direito separado pelo INSS, ele não tem direito de receber os benefícios. Então ele ta entregue à própria sorte[...]”

Sobre todos esses fatores, Abel Santos traz um comentário central político que adentra tanto as novas tecnologias de trabalho quanto os desmontes das leis trabalhistas: “[...] hoje eles fizeram um trabalho de trazer um ‘mito’ né?! O horror para a CLT, ‘o que a CLT tá fazendo é escravidão!’. Mas o que os aplicativos estão fazendo não é?.



[...]” Outra problemática trazida é a alta do combustível e os vários custos financeiros contidos no trabalho que recaem sobre os entregadores.

E, sobretudo, dialogamos pela importância na representatividade das lutas coletivas nas organizações que Abel Santos faz parte. Buscando levar educação e possibilidade de escolhas profissionais para os jovens como afirmado: “[...] eu quero construir alguma coisa

que realmente auxilie esses adolescentes, esses jovens, para que realmente eles não precisem cair para esses aplicativos, para eles poderem desenvolver uma atividade por amor [...]”

A entrevista pode ser conferida na íntegra em vídeo no canal do YouTube do GEPTSSS. Para acessar é só clicar na imagem ou escanear o QR code e você será levado para o vídeo.

Opinião

AS NOVAS TECNOLOGIAS E A DETERMINAÇÃO DO TRABALHO

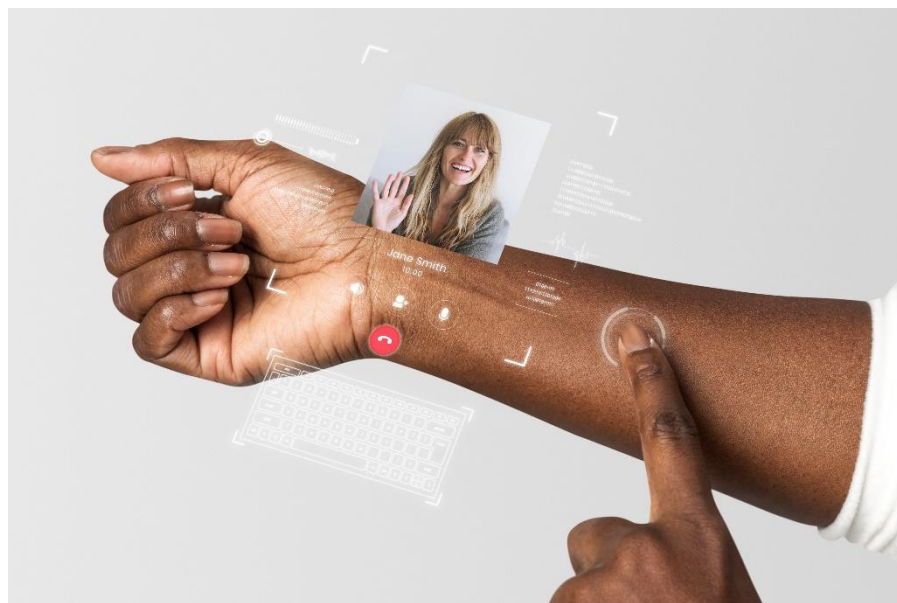
Por: Roberto Coelho do Carmo

As novas tecnologias são uma realidade presente em nosso dia-a-dia, como trabalhadoras e trabalhadores. Presente na compra, venda e produção de mercadorias. Saltam aos olhos as tecnologias comunicacionais, com as redes sociais funcionando como um grande mercado, e outros aplicativos,

específicos para compra e venda. Se antes você precisava ter um ponto comercial no centro da sua cidade para vender seus produtos, hoje, uma conta no Instagram resolveria a questão. Na produção de mercadorias da grande indústria, a robótica faz crescer a produtividade do trabalho, contudo, ao

mesmo tempo em que representa uma facilidade para o trabalho na produção, na lógica capitalista, tende a gerar desemprego estrutural. Por isso mesmo devemos refletir até que ponto estes avanços seriam positivos para nós.

Hoje temos uma enorme oferta de conteúdo: música, programação de computador, produção de vídeo entre outros. Você pode ver um vídeo sobre crítica de cinema enquanto almoça ou ouvir seu podcast favorito enquanto caminha até o trabalho. Da mesma forma que a escrita representou um grande salto para humanidade, permitindo ao gênero humano gerar uma “memória externa”, registrando um conhecimento que seria passado adiante. Também a tecnologia representa um novo



momento dessa difusão. Contudo, ao mesmo tempo em que podemos consumir conteúdos que potencializam nosso desenvolvimento, também existem conteúdos que, por exemplo, sustentados no negacionismo do conhecimento científico, atrofiam este desenvolvimento, podendo ter consequências perturbadoras para o coletivo da sociedade. Neste caso, como saber se um conteúdo é bom ou não seria a questão a ser debatida. A solução para esta questão de avaliação do conteúdo, acreditamos que está no trabalho de formação política e intelectual nas organizações da classe trabalhadora, das escolas e universidades com ensino presencial de qualidade.

Da mesma forma que julgamos que um conteúdo é bom ou não, também julgamos se uma ferramenta é adequada ou não para uma finalidade. Nós determinamos o seu uso. Nós decidimos se essa ou aquela ferramenta tecnológica ajuda ou não no nosso trabalho. Uma assistente social poderia decidir se determinado mecanismo de comunicação é adequado ao seu trabalho, ou ainda o

moto-fretista poderia entender ser vantagem aderir ao uso de aplicativos de pedido de comida para aumentar o número de suas viagens e de seu faturamento. Neste caso, o limite da tecnologia seria o limite da reflexão ética de cada trabalhador ou coletivo de trabalhadores. Quer dizer, a assistente social conseguiria manter o sigilo no seu atendimento, ou ainda, o moto-fretista estaria transportando produto lícito? Enfim, se são os sujeitos quem determinam o uso das ferramentas no seu trabalho, então, o limite no uso das tecnologias seria ético.

Em todos os casos, as tecnologias são postas também por força da alienação do trabalho. Vimos muito isso durante o período pandêmico. Muitas dessas tecnologias nos foram empurradas de cima para baixo, sem a possibilidade de aferir seus pontos positivos e negativos. Afinal, nesta sociabilidade em que vivemos, entre a manutenção da vida e a manutenção da produção, o resultado são mais de 675 mil mortes no Brasil e mais de 6,38 milhões de mortes no mundo todo.

Contudo, e se a tecnologia é que usa o sujeito, e não o contrário? Explico. A finalidade de boa parte das tecnologias da comunicação não é levar conteúdo ou aproximar pessoas. Este é o meio. A finalidade é ter seu perfil enquanto consumidor de mercadorias. Então com a mediação da difusão de conteúdo e facilitação na comunicação, acumula-se um volume de dados enorme sobre você. A finalidade é você, como mercadoria. Isso tudo, não muda que nós determinamos o uso de nossas ferramentas, mas permite enxergar que há um Grande Outro^[1], sempre vigiando, observando nosso comportamento, convertendo essa informação em mercadoria, acessível a quem puder pagar por ela. O Grande Outro, não muda o potencial positivo da tecnologia, mas a sua existência, deve ser considerada nas avaliações éticas que fazemos às determinações que damos aos nossos instrumentos tecnológicos.

[1] Cf. Zuboff, S. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um capitalismo humano na nova fronteira do poder. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.



Roberto Coelho do Carmo
Docente do Departamento de Serviço Social/UFOP
Coord. Observatório do Trabalho

UM ROBÔ PODERIA SER RACISTA?

Por: Maria Alice Silva Santos Félix

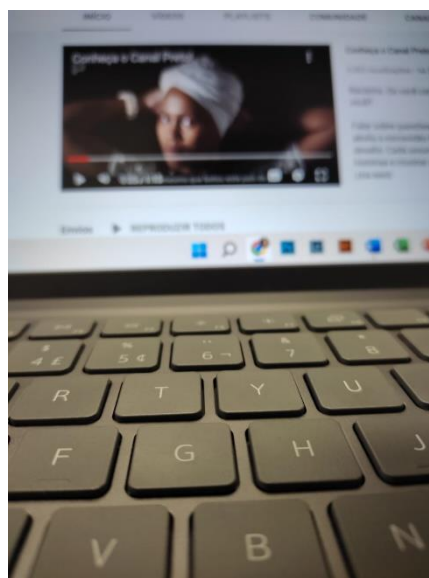
A pergunta pode parecer simples, já que um robô é algo sem vida, sem sentimento. Mas, tecnologias de Inteligência Artificial (IA) são algoritmos programados por homens e mulheres reais, para atender a interesses e necessidades reais e, assim sendo, ele pode sim, expressar o racismo dos seus criadores ou ainda replicar o racismo estrutural da nossa sociedade.

Um retrato adensado desse cenário, é apresentado pelo Projeto Tons de Gênero (tradução livre), realizado pelo Natural Science and Engineering Research Council of Canada (NSERC), que produziu em 2018 uma abordagem interseccional sobre a inclusão de raça e gênero na IA. Foi observado que mulheres negras têm uma menor chance de identificação facial checada. Além disso, o estudo expõe o direcionamento racista sob o qual a tecnologia tem sido fundamentada.

Um estudo da National Institute of Standards and Technology (NIST), de 2018, expôs que os algoritmos de IA aprimoraram sua eficácia em 25 vezes no reconhecimento facial de usuários. A taxa de erro hoje gira em torno de 0,2%. No entanto, esse número não é o mesmo para a população negra, e o quadro se agrava ao se tratar do perfil de mulheres negras. Em

janeiro deste ano, por exemplo, o sistema do C6 Bank não reconheceu a face de um correntista negro, como expõe o artigo Money Times. Enfim, reconhecidos pela IA quando não deveriam ser, e não reconhecidos pela IA, quando deveriam ser!

Um importante agravante



se coloca pois há uma tendência de essas tecnologias de reconhecimento facial serem utilizadas pela inteligência policial mundo afora. Dados levantados pela Rede de Observatórios de Segurança de março a outubro de 2019, indicaram 151 cidadãos presos a partir da tecnologia e reconhecimento facial nas regiões brasileiras Sul, Sudeste e Nordeste; 90,5% das pessoas abordadas eram negras.

Além da IA no reconhecimento biométrico, também o processo de *machine learning* pode agravar fenômenos

relacionados ao racismo estrutural. Na medida em que se trata de uma tecnologia que “aprende” com o comportamento online dos usuários, se os usuários expressam um comportamento racista, o algoritmo pode aprofundá-lo ainda mais neste cenário. Assim sendo, acreditamos que, com o desenvolvimento desses algoritmos sem se ter uma intervenção oposta a práticas racistas, caminhamos para o acirramento de expressões do racismo estrutural em meio digital.

Essa seletividade racial está presente, por exemplo, no alcance das redes sociais. Testes feitos por *influencers digitais* no Instagram mostraram que o engajamento do perfil de influencers negras aumentou em 6.000% ao publicar fotos de mulheres brancas, publicado no site Negrê.

Com o que vimos, podemos dizer com segurança que os aparelhos e serviços *high-tech* não estão isentos de uma *machine learning* sem reverberações do racismo estrutural. Neste sentido, é preciso se estabelecer uma ética tecnológica que, além de não racista, seja anti-racista. Para isso, partimos da compreensão de que a tecnologia não é neutra, o treinamento de robôs utilizando dados humanos responde às dinâmicas econômicas, logo,

no sistema capitalista, que visa o lucro e a proteção de bens, seja o reconhecimento facial para fins policiais ou criação de Escore de Risco para planos privados de saúde, a divisão social é reafirmada categoricamente. cremos que o racismo estrutural que se expressa nas tecnologias distingue negativamente o alcance digital de pessoas com o fenótipo negro, reduzindo oportunidades e acentuando desigualdades.

Tendo em vista que, o perfil do trabalhador de tecnologia no Brasil é majoritariamente composto por homens brancos (De acordo com a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua de 2019, o Brasil tem uma população

majoritariamente negra composta por mulheres, 52% e 56% respectivamente. Já o mercado de trabalho em tecnologia, entretanto, é composto predominantemente pelo público masculino (73%) e a maioria dos cargos de liderança no setor é ocupada por brancos (56%), segundo a pesquisa Potências Negras Tec, realizada pela jornada Potências Negras e Shopper Experience, em 2021. Isso torna o nosso alerta ainda mais importante.) Temos um enorme desafio adiante. Enfrentemos!

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Elisha. **Controversial Detroit facial recognition got him arrested for a crime he didn't commit.** Disponível [AQUI](#).

BARBOSA, Ana. **Mulheres negras enfrentam barreira maior no mercado de tecnologia.** O Estado de S. Paulo. Disponível [AQUI](#)

LIDERANÇA mais feminina e negra: as metas de diversidade do iFood. Disponível em: [AQUI](#)

LYRA, Edgar. **Uma Visão sobre Ética e IA.** EMAPS-Resenhas #03. Rio de Janeiro, RJ - Brasil: SERG, Departamento de Informática, PUC-Rio, 2021. 18 p. Disponível [AQUI](#).

MACIEL, Camila. **Algoritmos:** pesquisadores explicam tecnologia que intensifica racismo. Disponível [AQUI](#)

MATOS, Humberto. **O Racismo Estrutural continua...** Disponível [AQUI](#)

MORAIS, Yasmin. **Digital Influencers denunciam racismo algorítmico do Instagram.** Disponível [AQUI](#):

NUNES, Renan. **Racismo algorítmico:** Tecnologias de reconhecimento facial se tornam um pesadelo para pessoas negras. Disponível [AQUI](#).

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico:** inteligência artificial e discriminação nas redes digitais.

Maria Alice S. Santos Félix
Graduanda em Serviço Social/UFOP
Bolsista de IC



MERGULHE NESTE DEBATE

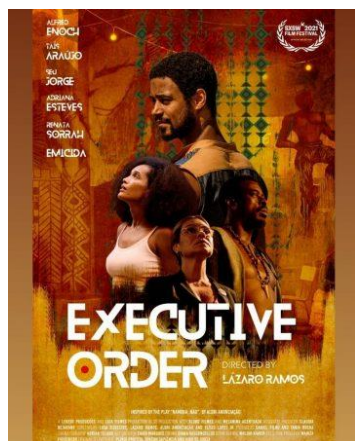


Documentário
Vidas entregues
de Prata Biar

Clique nas imagens e acesse.

Odt Indica!

Filmes:



Fonte: AdoroCinema

O filme indicado, **Medida Provisória (2020)**, retrata a segregação racial, política, social e cultural no país. A partir, do decreto de uma medida provisória para exportar os cidadãos negros em direção aos países da África. De forma crítica, o filme revela a construção racista que habita no interior da nossa sociedade, fazendo-nos refletir, a partir, de um contexto fictício. Clique na imagem ou escaneie o QR Code e Saiba mais:



Fonte: AdoroCinema

O filme indicado, **O Preço do Amanhã (2011)**, corresponde a um contexto social infundado através da economia exclusivista. Ele é produzido a partir da conversão do dinheiro pelo tempo. Desencadeando inúmeros desdobramentos sociais, políticos e econômicos. De maneira crítica, o filme alcança pontos estratégicos para se pensar na estrutura capitalista, e a relação contida na importância do tempo nos dias de hoje. Clique na imagem ou escaneie o QR Code e Saiba mais:



Livros:

17 Contradições e o Fim do Capitalismo - David Harvey

O livro indicado retrata a respeito das contradições do capitalismo, com alguns destaques para o impacto da tecnologia na vida humana, e como ela pode ser uma “faca de dois gumes” como descreve o autor, sendo que a inovação tecnológica pode ser boa ou ruim para a classe trabalhadora, dentro da lógica capitalista